

ENTREVISTA COM DENISE BOTELHO*

Luciana de Oliveira Dias 1

Doutora em Ciências Sociais pela Universidade de Brasília - 1
UnB. Pós-Doutora em Direitos Humanos e Interculturalidades pela UnB.
Professora da UFG - Universidade Federal de Goiás. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9317426815646934>. ORCID: orcid.org/0000-0002-2570-8078.
E-mail: lucianadias@ufg.br

*Denise Maria Botelho é doutora em Educação pela Universidade de São Paulo – USP. Professora Associada da Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5168554413015642>. ORCID: orcid.org/0000-0003-4629-2224. E-mail: mulhernegra@gmail.com

A universidade precisa aprender a sair desse seu lugar de conhecimentos absolutos e compreender como é que o conhecimento está presente em diversos lugares.

Quem é a Denise Botelho?

Uma mulher negra, candomblecista, lésbica, professora e apaixonada pela vida que foi vítima do racismo estrutural presente na sociedade brasileira, desde menina. Recordo-me que a primeira memória que guardo de racismo ocorreu na terceira série do extinto primeiro grau onde após uma festividade dos aniversariantes do mês a professora pediu para que eu varresse a sala, abruptamente ela retirou a vassoura das minhas mãos tentando me mostrar que eu não servia nem para varrer uma sala ou seja a minha primeira lembrança de racismo foi aos oito anos na terceira série, mas conseqüentemente isso já ocorria anteriormente.

Eu sou fruto de um casamento aparentemente interracial, porque meu pai e a família dele sempre se consideraram brancos e minha mãe que era negra. Embora eu não os considere brancos. Muito provavelmente eu e minha mãe já tínhamos vivenciado processos de racismo dentro do seio familiar, mas conscientemente e só muito mais tarde é que eu fui tomar consciência que este era um processo de racionalização da minha pessoa. Como as famílias não discutiam a questão das relações étnico-raciais no Brasil, em especial na minha geração, nós éramos muito despreparados para o enfrentamento, para o combate e para blindagem do racismo. Desta forma, muitas vezes a gente passava pela experiência do racismo sem, contudo, saber que aquilo era racismo.

Fale sobre sua biografia indicando em que momentos o sagrado se fez presente em sua vida.

Eu me recordo que quando eu era criança que meu pai era médium em desenvolvimento na Umbanda e eu me recordo também das entidades que ele recebia. Inclusive hoje eu recebo essa herança, trago esse legado espiritual que meu pai deixou. Eu devia ter entre seis e oito anos de idade, e já tinha contato com as entidades da Umbanda e tinha uma paixão por elas.

Infelizmente, meu pai se afastou da Umbanda e como minha mãe também tinha prerrogativas de ser médium, mas tinha também muito medo, ela não se aproximou da religiosidade. Quando aconteceu seu falecimento e eu tinha entre doze e treze anos de idade, uma vizinha, a Zezé, me levou a um terreiro de Umbanda, na cidade de São Caetano do Sul, que faz parte da grande ABC, em São Paulo, onde residia naquele momento. Foi ali, naquele terreiro de umbanda que tinha como liderança a baiana Açucena e o caboclo, que começou minha trajetória.

Como é ser professora universitária e Yalorixá?

Quanto a ser professora Universitária e Yalorixá, é de um grau de uma complexidade bem significativa porque a universidade tem três campos de atuação, quais sejam o ensino, a extensão e a pesquisa. Eu, como trabalho com a interseccionalidade de Educação de diversidade sendo demandada por muitas frentes na perspectiva da extensão, sou muito procurada pela sociedade civil que solicita em palestras e informações em cursos. Nem sempre eu tenho disponibilidade para atender todos e isso já cria um certo desconforto na perspectiva da pesquisa.

Eu sou líder de um grupo de estudos, no Geperges Audre Lorde (Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Raça, Gênero e Sexualidades Audre Lorde), que hoje tem uma prática em desenvolvimento de pesquisa em três linhas, a linha de educação das relações étnico-raciais, a linha de gênero e diversidade sexual e a linha de interseccionalidades. Nós nos reunimos a cada quinze dias para leitura, para discussão de texto, para apresentação das pesquisas e é bastante rico porque o grupo tem metodologias diferenciadas e mesmo nesse período da pandemia nós continuamos com nossas atividades, tanto das linhas de pesquisas como tam-

bém a manutenção dos encontros quinzenais.

Por exemplo, nisso que é um semestre atípico, excepcional, eu estou com três disciplinas, sendo duas disciplinas da graduação, diferentes entre si, e uma disciplina na pós-graduação. Significa que tem uma carga para além do conteúdo que é a forma na educação remoto e isso toma muito mais tempo e demanda muito mais trabalho para ser realizado.

Só essa vida acadêmica já é bastante, agora somando-se a isso a gente ainda participa do coletivo de acadêmicas negras - Luiza Bairros, que tem como prerrogativa um vestibular para formação e de projetos de apoio a candidatas à seleção de mestrado e doutorado de candidatas negras. Só nesse grupo tem mais sete pessoas para serem orientadas. Mais as orientações do mestrado que atualmente eu tenho três orientandos, mais uma do TCC, isso seria bem significativo.

Acho que é importante falar essa nossa rotina porque nem sempre a sociedade compreende como é a rotina do professor e acredita que a gente está quatro horas ou duas horas numa sala de aula. Mas para estarmos nessa sala de aula, o tempo de preparação, as leituras, o desenho da disciplina, envolvem muitas coisas. Agregue a essa realidade, uma comunidade religiosa que hoje conta com algo em torno de vinte ou vinte e cinco pessoas.

A responsabilidade de uma liderança religiosa em cuidar do equilíbrio das suas filhas e de seus filhos envolve práticas de acompanhamento e acolhimento, envolve a necessidade do domínio èrindinlògun, mais conhecido como jogo de búzios, que é a forma de se comunicar com as divindades. A partir desse jogo é possível descobrir quais são os cuidados previstos que são prescritos pela espiritualidade tais como os banhos, a necessidade de limpezas espirituais, o fortalecimento da essência da individuação das pessoas.

Quando você está à frente de um terreiro, você vai salvar, vai guardar, vai orientar e vai criar possibilidades para que as pessoas saiam de situações negativas e transitem para situações positivas. Você também vai desempenhar o papel de chefe, porque há uma culinária sagrada que é direcionada para a realidade para alimentação no terreiro. Essa culinária passa pela compra dos produtos que serão utilizados, pelo que pode ser realizado ou não, pelo não deve nem entrar numa sala, numa cozinha sagrada.

Isso te remete também ao processo da economia, porque você precisa de administrar quase sempre um pequeno montante de recursos para atender toda a demanda do terreiro da comunidade religiosa. Ali me perguntava sobre a perspectiva do acolhimento espiritual, do domínio do alimento sagrado, do domínio da botânica. É preciso também intermediar as relações interpessoais pois cada pessoa que chega no terreiro vem de uma realidade, vem de uma formação familiar, vem de valores e crenças, de um mundo individualista e competitivo onde a lógica do mercado é a lógica que predomina.

E aí, no terreiro, você precisa que as pessoas pensem coletivamente, que as pessoas não estejam conectadas nessa base, mas sim na trilha nos une, que é a ancestralidade, a natureza e a comunidade. Então é importante desaprender a lógica da realidade social, para aprender essa lógica espiritual onde convida as pessoas a abandonarem um olhar individualista e competitivo, para assumir uma cosmo-percepção de pares de aliados, de irmãos. Não é à toa que a comunidade dos terreiros se constitui uma família de santo. A gente cria vínculos de afetividade, de respeito, de valores que estão um pouco perdidos na sociedade brasileira.

Quais os desafios enfrentados?

Eu penso que o maior desafio enfrentado é conciliar universos tão distintos como a academia, esse lugar da racionalidade e do intelectual; com um universo da espiritualidade, onde o tempo é distinto, onde o ritmo das coisas é norteado por uma lógica diferenciada da linha de produção e da produtividade.

Esse é um grande desafio, ou seja, esse viver em dois universos paralelos um que chama para a interação, para o afeto, para caridade em um mundo que é neoliberal que pensa com a lógica principal do mercado, onde a competitividade é muito estimulada, onde os valores estão postos em ter e não em ser. Esse conciliar esses dois universos para mim é o maior desafio.

Quais ações são aprimoradas ou dificultadas pelo fato de ser professora universitária e Yalorixá?

Conciliar o sacerdócio e o magistério nos faz mais sensíveis às dores humanas, nós estamos mais atentos à realidade das pessoas. Muitas vezes a gente consegue enxergar o que a maioria não enxerga, porque o olhar, a escuta sensível, nos oferece condições de desvendar as pessoas, mesmo quando elas nada lhe dizem.

Fale sobre as relações com os colegas de trabalho (outros servidores) e com os alunos e orientandos.

Eu tenho uma ótima relação com a maioria dos meus pares, porque como a gente tem essa forma de estar atenta, de respeitar, de enxergar na outra pessoa a humanidade dela, isso faz com que a gente estabeleça relações de afeto, relações de respeito e de valorização da outra pessoa. Não vou dizer que não tenha dificuldades com os pares, sempre tem aqueles de segmentos religiosos distintos aos meus e criam dificuldades, barreiras para que o nosso pensamento, a nossa cultura e os nossos objetivos não se realizem totalmente. Mas em contrapartida você encontra muito apoio pela maneira como você interage com as pessoas. Assim, você tem muito mais aliados do que adversários, isso eu acho extremamente positivo.

Em relação aos alunos na graduação e na pós-graduação eu tenho uma prática que consiste em logo no primeiro dia de aula eu já revelo para eles quem eu sou isso significa dizer: Eu brinco: “olha antes que vocês fiquem aí pelos corredores se cutucando, querendo saber da minha vida eu já quero dizer para vocês que eu sou uma mulher negra e isso não dá para negar, porque vocês estão vendo. Mas para além disso eu sou sapatão e macumbeira.” Eu faço inclusive com a utilização desses termos mais populares para que as pessoas se choquem e elas já caiam na realidade e tomem consciência de que a professora é uma professora diferenciada. Isso já me dá uma proximidade muito grande com os alunos porque eu sou muito sincera e muito transparente, eu não tenho nada a esconder eu não devo nada a ninguém.

As minhas práticas amorosas, afetivas e religiosas são para uma construção de um mundo diferenciado, alicerçado em amor e não em guerra. Eu realmente sou aquela pessoa que faço amor, mas não faço guerra. E é bem interessante como os alunos reagem bem a isso e aqueles que não reagem bem já veem de cara que eu não vou me calar, não vou calar a pessoa que eu sou. E aí isso já desarma, porque quase sempre as pessoas estão no subterrâneo, estão se escondendo, estão se disfarçando e a primeira coisa que eu faço é abrir bem a porta para que as pessoas saibam quem é a Denise.

Tal postura acaba atraindo muitos alunos, muitas alunas que tem interesse de estar sendo orientadas e orientandos por essa pessoa que é despojada, por essa pessoa que tem uma visão da totalidade dos seres. Quando eu assumo quem eu sou é uma forma de dizer que eu assumo o quem é você totalmente. Acho que há uma carência desses acontecimentos na realidade acadêmica principalmente no que diz respeito a pessoas negras, a pessoa da comunidade LGBTQI+, todas essas situações. Eu acho que cabe e tem um atrativo muito maior, embora seja bem difícil conciliar essas diversas demandas.

Como lidam com este seu locus de enunciação?

Bem, eu não poderia dizer com exatidão como é isso para as pessoas, mas no que demonstram há muito respeito, carinho, admiração e eu também tenho essa mesma prática. Então a reciprocidade acontece.

Qual a universidade, como espaço de produção de conhecimento, dos seus sonhos?

A universidade que eu ajudo a melhorar, a universidade que auxilio a construir é uma universidade que valoriza o ser humano. Após o ser humano vem os conhecimentos, os sabe-

res e a raiz de uma forma que possa ter sentido na vida das pessoas. Não adianta nós termos muito conhecimento, até muitos títulos, se tudo isso não reverter para construção de um mundo diferenciado, um mundo onde as pessoas sejam respeitadas, onde haja igualdade, onde as diferenças sejam só um atributo positivo de complexidade social e não uma ferramenta de desigualdades, onde a equidade possa ocorrer efetivamente não só nos tratados, nos planos, mas nas ações interpessoais cotidianamente.

Quero construir uma universidade que está muito longe da realidade atual e mais uma motivação que diz que nós precisamos de um grande movimento, um coletivo pensando na conciliação de conhecimentos, saberes e afetos e que a lógica do poder não seja o principal objetivo da universidade.

Complemente falando sobre algo que não foi perguntado, mas gostaria de acrescentar e que informe sobre essa articulação entre o universo da espiritualidade e da intelectualidade.

A espiritualidade e a intelectualidade na verdade são vistas como incompatíveis para aqueles que não se dão nem o direito de conhecer e já criam críticas, criam impedimentos para entender quais são esses universos. Uma comunidade onde as lideranças estão desenvolvendo-se espiritualmente, mas também aprendendo sobre sustentabilidade ambiental, aprendendo sobre relações interpessoais sadias, onde estão aprendendo a lidar com o autocuidado a partir do seu corpo, a partir das danças, dos cânticos, das folhas é uma sabedoria que a universidade precisa aprender.

A universidade precisa sair desse seu lugar de conhecimentos absolutos e compreender como é que o conhecimento está presente em diversos lugares. Eles estão em nossos livros sim, mas eles também estão nas nossas rodas de diálogos onde nós fazemos reflexões sobre que mundo nós queremos. Sobre qual deve ser a postura de uma pessoa religiosa frente a tudo isso. Com uma humanidade que assola o planeta, como é que a gente cria processos de avançarmos numa lógica democrática efetiva mesmo em tempo de fascismo?

Esse aprendizado não precisa ser algo tão pesado como é na universidade, sendo que essas aprendizagens podem acontecer de forma mais acolhedora. É tão bom a gente aprender a preservar a natureza, a sombra de uma árvore, de uma linda árvore preservada. É tão bom a gente aprender que o nosso corpo é um templo sagrado e como templo sagrado nós precisamos cuidar bem do que nós ingerimos para preservar este corpo é necessário termos práticas meditativas para entendermos o que precisamos melhorar para estar de acordo com os ensinamentos espirituais. Espiritualidade e conhecimento fazem parte da mesma realidade, nós estamos para somar e não somos nós que fragmentamos.

Fale sobre as lutas, engajamentos e articulações que são influenciadas pelo fato de ser uma Yalorixá.

As lutas relacionadas às questões raciais e de gênero são fundamentais nesse processo da religiosidade. O candomblé é uma religião oriunda do continente africano, é uma religião negra e na história do Brasil a cultura negra e as pessoas negras são perseguidas pelo processo do racismo. É nesse contexto que podemos falar de racismo estruturante, de racismo religioso, de toda má sorte que envolve essa perspectiva.

No que diz respeito a questões de gênero, o candomblé nasce numa perspectiva matrilinear. Essa perspectiva que vai possibilitar que as mulheres exerçam o sacerdócio, transformar as nossas mulheres e, em especial as mulheres negras em situação de baixa estima, em situação de discriminação, em opressões de violência, transformá-las em deusas, rainhas. Então meu maior engajamento hoje é a interseccionalidade entre raça, gênero e diversidade sexual. O candomblé me ensina a enxergar as pessoas nas suas essências, nas suas complexidades, nas suas multiplicidades de existência.